



Director literario:

Acquaforte
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Murcellato
PAPUSSE

AS FADAS

Por MARIA LEONOR LIMA BRANDES — Desenhos de EDUARDO MALTA

NA praia, áquela hora matutina, as ondas quebravam-se de encontro aos rochedos, deixando no areal um vasto lençol da cor da lua, que logo se sumia para vir outra onda, mais caprichosa, estender o seu lençol. Pareciam apostadas as ondas, naquela noite, a ver qual estendia na praia o seu mais lindo manto.

Quem espraísse a vista pelo mar, além, divisava o espectáculo mais maravilhoso que se tem visto. Um grupo de meninas, dançavam à superfície das águas!

Um pouco distante do grupo, via-se uma menina, de varinha na mão, dirigindo aquella dança maravilhosa. De repente, a um sinal da directora, a dança parou, desaparecendo as dançarinas e voltas numa vaga altaneira que se desfez em espuma. Só aquella que dirigia a dança, ali ficou à superfície das águas um pouco agitadas.

— «Minha mãe, minha mãe, depressa, vamos embora!» dizia uma pequenita que se encontrava na praia áquela hora com sua mãe, que a tinha levado ali para tomar os ares do mar que o médico lhe tinha receitado. Não podiam ir de dia porque não tinham que vestir. Eram pobres envergonhados, e aquella praia era muito bem frequentada).

Depressa, venha depressa, minha mãe, tenho medo.

— Medo, de quê?

— Então a mãe não vê ali, no mar, uma coisa branca avançar para terra?

— Não, não vejo.

— Ai, minha mãezinha! Tenho medo; olhe bem, está já muito perto, é uma menina que traz uma varinha na mão!

— Tu deliras, minha filha?!

A pequenita correu pelo areal, cheia de medo, e sua mãe muito assustada, aflita, gritava:

— Mafalda, não corras, não é nada! Vem cá, Mafalda!...



A pequenita Mafalda não voltou, e sua mãe perdeu-a de vista na sombra negra da noite.

Voltou a casa, julgando ir encontrar sua filha já deitada, de cabecita debaixo da roupa com medo da menina que dizia ter visto no mar.

A mãe, a pobre viúva do pescador que morrera no mar ainda havia poucos dias, não viu sua filha em casa, e chorou, chorou muito. Minha filha, minha querida filha, o mar levou-te, como levou o teu pai! Oh! Deus, levai-me, também, que eu nada faço por cá! E assim, a chorar, acordou a sua vizinha do lado que veio logo a ver do que se tratava.

— Foi o mar, foram as ondas malditas que levaram a minha filha, a minha santa Mafalda! E a vizinha correu, como louca, a chamar a gente do mar, para que fossem à procura da pequenita desaparecida.

Lançaram barcos ao mar, e toda a noite levaram aqueles rapazes, corajosos, lutando com as ondas nos seus frágeis barquinhos, sem encontrarem a pobre pequenita.

(Continua na página seguinte)

AS ROSAS DE NÂNÁ

Por GRACIETTE ALVES
:: DA SILVA BRANCO ::

§ § § (AMIGUINHA) § § §

(AO PÁPIM)



ERA uma vez um rei
já duma certa idade...
(Meninos: eu não sei
se isto será verdade...
Linda história que a avó
me contava ao serão...
hoje, lastimo, só,
senti-la como pó
viver no coração...)

... Era velhinho o rei!...
Pousava-lhe na fronte
um manto de luar...
e quando, no horizonte,
o Sol ia expirar,
a sua humilde grei
vinha-lhe os pés beijar!...

*
* *

Ora, tinha este rei
uma filha ideal!...
Tão pura, que eu pensei
(quando a avó me contou)
que fosse ouro de lei
a trança divinal
com que Deus a dotou...
Olhos verdes — dois mares,
mas feitos d'água doce...
os dentes, dois colares
de pedras singulares,
que algum anjo lhe trouxe...
Chamava-se Nâná,
e era louca por rosas...

*
* *

Um dia, o Sol nasceu com faces lacrimosas,
aos ais, a suspirar, num pálido arrebol...
Ficou tudo a pensar,
que mágua, que pesar,
andaria por lá
no coração do Sol!...

Nâná desde manhã
que andava a colher rosas...

O pai, que a estremecia,
olhava-a, e sorria,
sem saber entender
que diferença havia
na rosa que colhia,
das que andava a colher...

Disse-lhe a filha então:
— « Meu pai: quando eu morrer
quero que o meu caixão
e o campo onde eu ficar
se venham adornar
de rosas sem igual...
E que, quem passe ao pé
da minha sepultura,
— (extático de té) —
murmure com brandura:
— « Que lindo roseiral! » — »

Mandou-a o pai calar.
— « Morrer? Quem pensa em tal?! »
— calara-se ela já...
— A morte, então, chegou,
e, à branca luz do luar,
silêncio e dor reinou...
— Rinara-se a Nâná!...

*
* *

Vestiu de luto o reino, tristemente!
Dobraram sinos num chorar plangente!

E para que a Nâná não fosse sem ninguém,
o pai, morreu de dor! Lá foi! Lá foi também...

(Continúa na página 6)



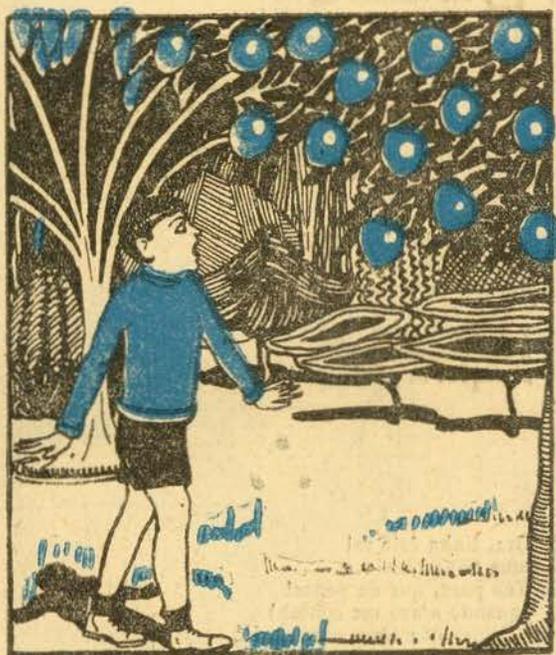
EL-REI DOM CARACOL

Conto e desenhos de EDUARDO MALTA

O menino Neca e a menina Zeca, eram dois irmãos muito amigos, que viviam com seus pais numa certa cidade, aonde desapareciam pessoas, todos os dias, que nunca mais se viam.

Certo dia, os papás dos meninos, desapareceram. O Neca e a Zeca, como não tinham mais família e os amigos todos também já tinham desaparecido, depois de chorarem noites e dias a fio, combinaram ir correr mundo.

Como gostavam muito de ver coisas que nunca tivessem visto, caminhavam sem descanso. As vezes, a caírem de sono, dormiam uns minutos em pé e logo continuavam de caminho. Ao fim de três anos, olhando sempre estradas e cidades quasi iguaes, chegaram ao cimo de um certo monte aonde, pela primeira vez, abriram de espanto os seus olhinhos. Em baixo, no vale, havia um enorme e lindissimo jardim, extranho de formas e maravilhoso de côres. Desceram a correr, alvorçados, o monte. O espanto ia crescendo conforme caminhavam adentro do jardim. Viram árvores que pareciam fogo de artifício, frutos de



todos as côres e doutras que não existem, plantas que cresciam, secavam e desapareciam num minuto. Havia vozes, pelo ar, falando suavissimas linguas, mas que os meninos não entendiam. De momento para momento, o espanto era maior, pois quanto mais caminhavam no jardim mais coisas maravilhosas apareciam: — árvores que andavam, flores que voavam e plantas que mudavam de côr e de feitio.

A certa altura, o Neca e a Zeca cansados de tantas surpresas e de terem andado tanto, começaram a sentir muita fome. Então, procuraram sem descanso uma árvore de fruto e foram encontrar uma, muito linda, com folhas pretas e frutos azues, da côr do ceu. A Zeca, muito alegre, foi a correr para a árvore, pôs-se nos bicos dos pés, estendeu os braços, e, quando chegou com os dedinhos ao fruto para o cortar, desapareceu. Ouviu-se uma gargalhada muito longe e na árvore nasceu um novo fruto. O Neca, aflito, chamou pela Zeca em altos berros, e os berros não se ouviram. Como doido, começou a correr pelo jardim, a procurar, a chamar, a gritar, mas não encontrou nada. Quando já não tinha forças, sentou-se numa

pedra e desatou a chorar. Passados momentos ouviu-se uma voz muito meiguinha que dizia:

Não chores Neca
Pela tua Zeca...
Teus olhos seca,
Neca!

O menino olhou para todos os lados mas não vendo ninguém continuou a chorar. Então a vizinha tornou de novo a ouvir-se:

Eu te direi
O que sei,
Eu te direi!

O Neca tornou a olhar para todos os lados e, não vendo ninguém, ia continuar a chorar, quando se ouviu a vizinha outra vez:

Son o rei Dom Caracol,
Que tem as pontas ao Sol!

O menino olhou para o chão e viu um caracol muito limpo, muito simpático, que para ele se sorria.

Então, perguntou-lhe entre soluços:

— Quem és tu caracol, que tão bem falas?

E o caracol respondeu:

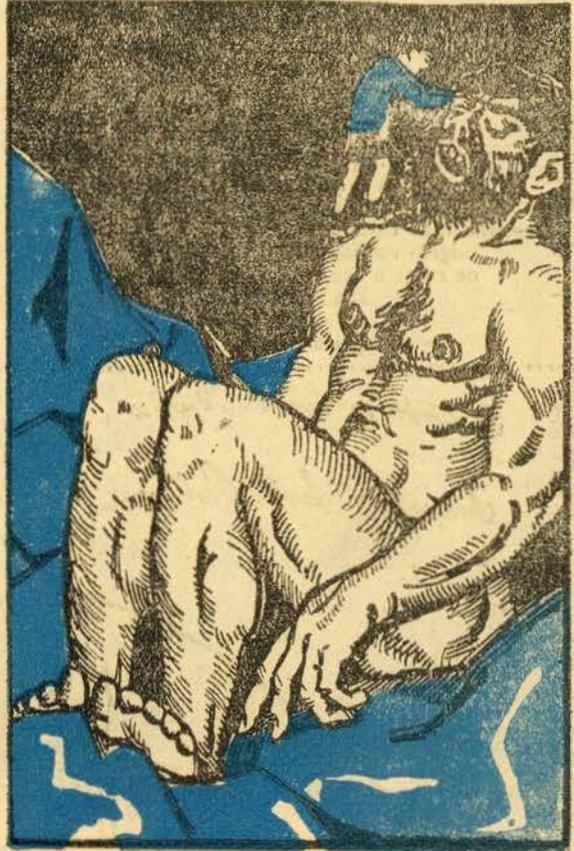
— Então já não te lembras de mim? Eu sou aquele caracol a quem tu salvaste a vida. Certo dia, no teu quintal, o teu criado ia para me esmagar com um pé e tu não deixaste. Pegaste em mim com muito cuidado, foste ao poço lavar-me a casquinha e puzeste-me num lugar muito bonito, aonde ninguém podesse ver-me. E, como todo o bem que se faz, um dia se recebe, en, agora, meu querido Neca, vou dizer-te o que tens a fazer para encontrares a tua Zeca.

E subindo pelo Neca acima foi ao pé do ouvido direito do menino e disse-lhe um segredo.

O Neca bateu as palmas, de contente, arredou para um lado as pontinhas do caracol, e deu-lhe muitos beijos na

rágem. Com mil cuidados, para não acordar o gigante, o menino trepou por ele acima, e quando chegou aos ombros, foi de vagarinho até ao pé da barba e com os braços estendidos começou a arrancar as pestanas do gigante uma por uma.

Quando o Neca acabou de tirar a última, o gigante acordou e, não tendo forças para se levantar, pois toda a



sua força estava nas pestanas, começou com uma voz cavernosa a dizer:

Ai, minhas ricas pestanas!...
Deram comigo em pantanas!...
Ai, minhas ricas pestanas!

E logo o gigante se transformou numa mosca que o menino agarrou e à qual tirou uma perna.

Então, o caracol, voltado para a mosca, disse-lhe:

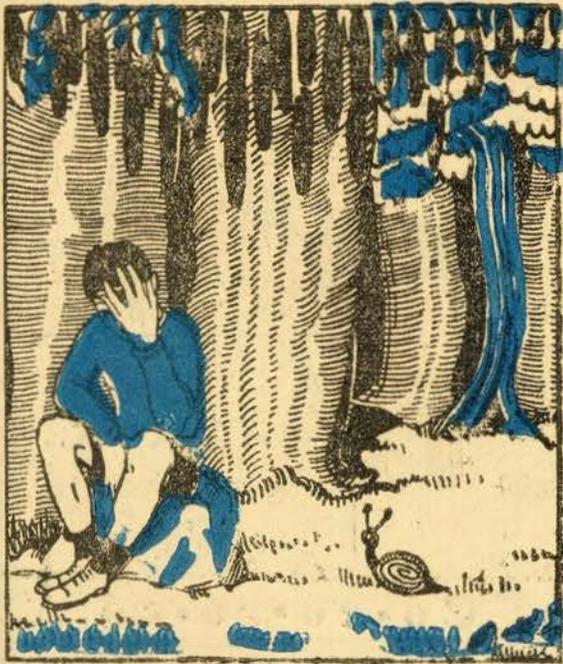
Mosquinha, mosca, moscarda, se a tua perna quiseres, põe tudo no seu lugar; as pessoas encantadas, vai já, já desencantar.

E a mosca foi poisar numa flor que logo se transformou numa menina; poisou noutra e logo se transformou num rapaz; e assim poisando de flor em flor, de fruto em fruto, de árvore em árvore, foi desencantando todas as pessoas que, da tal cidade, tinham desaparecido. E o Neca, cheio de contentamento, aos pulos, viu desencantar os seus queridos Pais, a sua irmãzinha Zeca, muitas pessoas e todos os seus amigos; já quando estava tudo desencantado o caracol se transformou num esbelto rei.

Houve imensas festas, construíram-se palácios, fez-se uma grande cidade, o Rei casou com a Zeca, o Neca casou com uma princesa muito linda, irmã do Rei, e foram todos muito felizes.

A mosca, que era, afinal, um espírito mau, esteve de raiva.

F I M



cabecinha. Depois, pô-lo na palma da mão e com muita pressa meteu por uma das ruas do jardim. Andou, andou, andou, até que foi dar a uma grande floresta. Mesmo ao fim dessa floresta havia uns penedos, aonde um colossal gigante forte e peludo, dormia. O menino caminhou para ele, pé ante pé, cheio de medo, mas não perdendo a co-

Continuação da Poesia «As Rosas de Náná»

Muito tempo passou,
Náná, no Céu ficou
para sempre a dormir...
Mas houve alguém, que um dia,
em triste romaria
à campa tentou ir...

- Mistério!!...? Que será?!!
A campa da Náná,
ninguém jamais a viu!
- Um lindo roseiral,
singelo virginal,
de rosas a cobriu...
E a lenda brotou lá,
nas almas piedosas,
que a alma da Náná,

do Céu descera cá,
num hábito de rosas...

* * *

— A narração findei...
... Náná, filha de rei,
inspira-me saudade!!...!

Porém,

atendam bem:

— Meninos eu não sei
se isto será verdade...

Linda história que a avó
me contava ao serão...
hoje lastimo, só,
senti-la como pó
viver no coração...?

FIM

Colaboração infantil

2.^a Menção honrosa

As Templo de "Sinh. S. Maria"

Adoração a "Santa Rita"



*Maria da Indaiá, Moça,
com 12 anos de idade
Lombal*

A DIVINHAS

1

Qual o jornal que, tirando-se-lhe' uma sílaba, do longe
faz perto?

2

Qual o bicho que tirando-se-lhe uma letra é a alegria
dos avarentos?

Decifração das anteriores:

1 — Menina dos olhos.

2 — C6-c6-r6-co.

Có-có-ró-có

É o II VOLUME da Biblioteca Pim-Pam-Pum!
com lindíssimos contos de

AUGUSTO DE SANTA-RITA
Ilustrados por **EDUARDO MALTA**

Pedidos à Administração de «O SECULO»

HORA DO RECREIO

MOBILIA PARA BONECAS

Meus amiguinhos:

Há já muito tempo, um dos vossos «primos» lembrou a ideia de fazer uma mobília completa, com caixas de fósforos e papelão.

Apesar de já ser um assunto muito conhecido, não quero deixar de os satisfazer, começando pelos móveis mais fáceis.

Uma secretária e dois «maples».

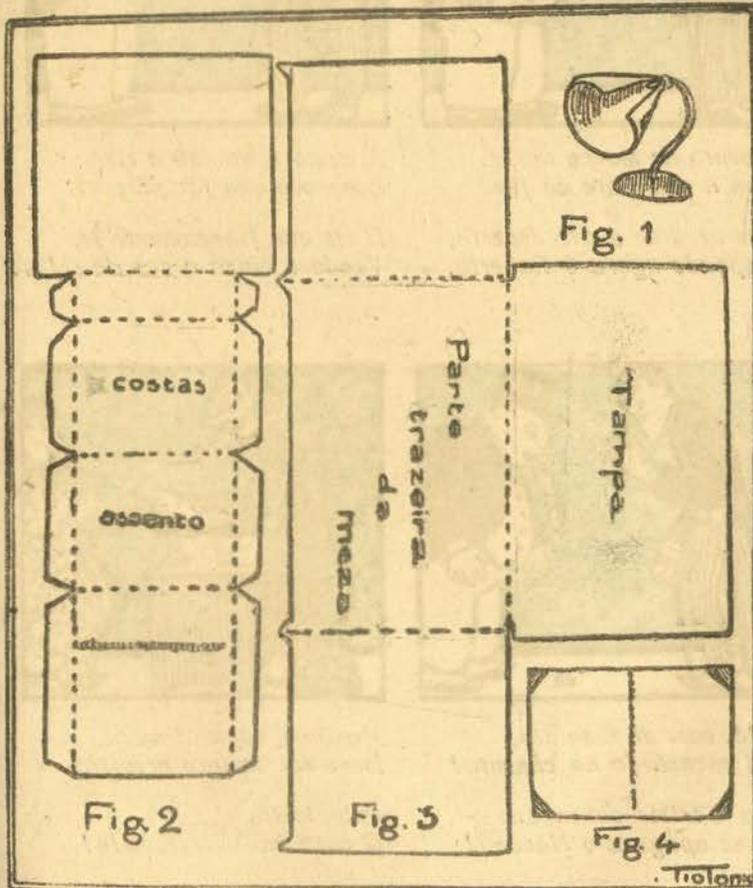
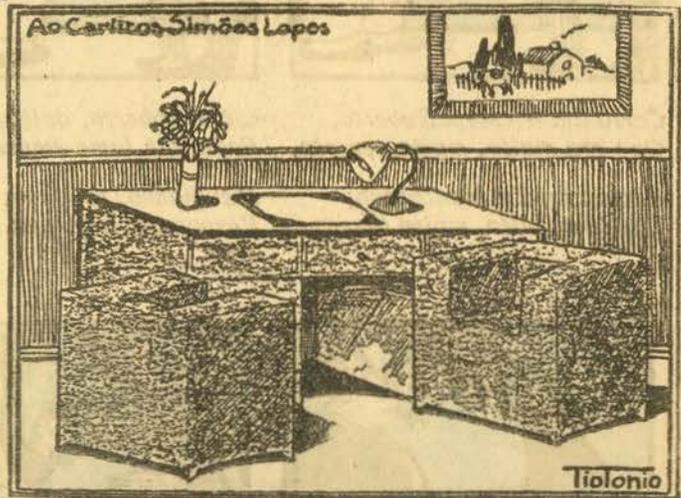
MATERIAIS

11 caixas de fósforos, papel fino, de cor escura ou papel de cor, forte.

Cola, etc., etc.,

— Para fazer a secretária, colam-se dois grupos de 3 caixas, que formam os lados.

Ao meio, cola-se uma outra caixa apertando bem para não torcerem.



Faz-se com papelão ou papel grosso, uma peça do feito que a figura 3 indica. Não esquecer os pés!!

Não vão marcadas as dimensões, por ser muito variável o tamanho das caixas.

Com umas contas de vidro, cosidas com linha, ou com pedacinhos de papel colado, fazem-se os puxadores das gavetas.

Sobre a secretária podem pôr, querendo, uma pasta (fig. 4), um «abat-jour», (com um botão de madeira, um papel de seda, colorido, um pedaço de gancho de cabelo, no qual se espeta uma ervilha seca ou uma bolinha de estearina a imitar uma lâmpada) e uma jarra de flores.

— Os «maples» são feitos com duas caixas, ao alto à parte de traz das quais se cola o lado mais largo do papelão da fig. 2, deixando secar.

Depois de seco, vai-se dobrando para dentro e colando, convenientemente, até dar a volta completa.

Perceberam? E mais nada.

O que querem a seguir?

Amigo de sempre

TIOTÓNIO

Rua do Século, 43 — LISBOA.

IMPREVISTO



*Certo dia o «sôr» Roberto,
Que era muito, muito esperto,*

*Encontrou Zé Manipanso,
Que era muito, muito tanso;*



*«Sôr» Roberto, delicado,
Pedi-lhe lume emprestado.*

*Manipanso, toleirão,
Respondeu logo que não;*



*Porque, ao mais pequeno abano,
Ia-se a cinza ao Havano.*

*Volve o outro, de escarninho:
—Eu espero um momentinho;*



*Deve estar por um minuto!
E ria com ar arguto!*

*Manipanso, toleirão,
Torna logo:— que ilusdo!...*



*Charuto de marca assim,
Leva a cinza até ao fim!*

*Com ares de muito esperto,
Responde agora o Roberto,*



*A custo contendo o riso:
Espero o que fôr preciso!*

*E eis que francamente ri,
Vendo a cinza a dar de si!...*



*Mas, entretanto— ai Jesus! —
Tomba a cinza:— catrapus!...*

*Roberto, com modos sábios,
Põe o cigarro nos lábios...*



*E já, com ar resoluto,
Vai encostá-lo ao charuto!*

*Mas ô triste desengano—
Lá se apagara o Havano!*



*Meninos, reparaí nisto,
Deve ser sempre previsto,*

*Peço visto,
O caso mais imprevisito!*